

Ano XXXIX - N.º 11

Revista Mensal

2,50 €

Dezembro 2023

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



Chamar-se-á

Deus connosco



MENSAGEIRO de SANTO ANTÓNIO

Dezembro 2023 | Nº 11 | Ano XXXIX



CAPA

Minara é um bebé rohingya e dorme num acampamento improvisado no Bangladesh. Segundo a Onu, mais de 1 milhão de rohingyas

fugiram de Myanmar para o Bangladesh, desde 2017. Foto EPA/MONIRUL ALAM 15 de junho de 2023.

EDITORIAL

Na hora da despedida
Frei Severino Centomo

HOMEM E SOCIEDADE

4 Franciscanos na Terra de António
Frei José Carlos, Frei Marius, Frei André

6 800 anos
Natal de Greccio
Frei Severino Centomo

8 Mundivivências
O Tempo Esquecido
Miguel Panão

10 Cotidianos e Orquídeas
O lugar de ver
onde habita a mensagem
Joana Cavalcanti

13 Artes e Letras
Cinema
Abbé Pierre:
Qual é o meu lugar?
Manuel Monteiro Mendes

14 Livros:
Sermões II: Os Evangelhos
Rui Vasconcelos

ESPECIAL

15 Caminhada Sinodal - 7

O que já andámos
e o que falta percorrer
Juan Ambrosio (Coord)
Francisco Piedade Vaz
Américo Pereira

IGREJA A CAMINHO

22 Ponto e contraponto

Nunca afastes de algum pobre
o teu olhar
Idalino Simões

24 Traços de uma Presença

Companheiros de viagem
Juan Ambrosio

26 Além do sofá

Obrigado
Inês Santos, Gonçalo Oliveira

PÁGINAS ANTONIANAS

28 Devoção

Cartas e Orações
a Santo António

30 Coragem, Levanta-te

Tenho medo de
não deixar rasto
Simone Olianti
Elisabetta Benfatto

33 Memória e Tradição

Os caminhos
de Santo António
Pedro Teotónio Pereira

34 António, hoje

Sorrir ao amor autêntico
Frei Antonio Ramina

CONTRACAPA

COP28. Discurso do Papa Francisco,



Fotomontagem. Foto
EPA/MARTIN DIVISEK
| Foto EPA/ALI HAIDER
| Foto Vatican Media.

DIRETOR

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Fabrizio Bordin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensageiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

Telef: 239 097 984 | 914 272 744

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Digital:	22 €
Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	75 €

Preço avulso: 2,50 €

Números atrasados: 3,50 €

Referência Multibanco

Ver no talão da revista

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4470-116 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior

2000 exemplares



Associado

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

Na hora da despedida

Na hora da despedida, a redação do *Mensageiro de Santo António* não pode silenciar as inúmeras mensagens de mágoa e tristeza que recebemos, face à notícia de que a revista ia fechar.

O motivo é uníssono: a revista tinha-se tornado um “instrumento importante para crescer na fé e na relação com Deus, com os outros e com a nossa Casa comum”; ao ponto de alguém chegar a afirmar que se trata da “melhor revista da Igreja publicada em Portugal”.

Naturalmente, ficamos sensibilizados e gratos por estas manifestações de simpatia e apoio, mas acreditamos, também, que a boa semente que foi lançada não se perderá, mas continuará a dar fruto. Não sabemos como: devemos, sim, continuar a trabalhar com generosidade na vinha do Senhor conforme os caminhos que Ele sempre abre diante de nós.

Santo António não se preocupou com a continuidade da sua obra. Quando sentiu próxima a sua despedida deste mundo, procurou simplesmente manter fixo o seu olhar no Céu, sob a proteção maternal de Maria. Esta atitude de António é mais um sinal para nós também termos confiança no Senhor, pois Ele nunca deixa faltar aos seus filhos o que eles precisam para viver com dignidade, qualidade e alegria.

Neste mês, em que celebramos o nascimento de Jesus, que teve em S. Francisco um grande mentor e, em Santo António, um grande pregador, queremos desejar a todos os nossos leitores e amigos um Santo Natal e um Novo Ano de Paz e de Esperança.

O “Deus que vem” conceda a todos e a cada um a Sua bênção e a Sua alegria. **M**

EDITORIAL

Frei Severino
Centomo



Atrevo-me mesmo a dizer que, agora, cabe a cada um de nós tornar-se “mensageiro” de Santo António, encarnando o seu desejo da verdade e o seu fogo da caridade, lutando contra toda a espécie de injustiça e doando com magnanimidade tudo o que recebemos de graça.

Santarcangelo di Romagna, Igreja da Collegiata: Maria apresenta o Menino a Francisco e António (pormenor). 1755, G. Melchiorre. Foto Claudio Pagliarani



FRANCISCANOS NA TERRA DE ANTÓNIO



Os frades da Delegação Portuguesa dos Frades Menores Conventuais:

Pedro Perdigão, Paulo Fappani, Tibério Zílio, José Carlos Matias, João Pedro Valbusa, José Augusto Marques, Marius Dobos, Francisco Ervas, Severino Centomo, André Scalvini, Fabrizio Bordin.

Altar mor da Igreja/Convento de Santo António dos Olivais, Coimbra, janeiro de 2023. Foto MSA.

Como tem vindo a ser comunicado, este é o último número da revista; no entanto, gostaríamos de manter a vossa amizade e continuar a nossa missão de comunicar o Evangelho, na senda de Santo António.

“*Franciscanos na terra de António*” é o nome que escolhemos para o novo site. “**Franciscanos**”, porque é o nome tradicionalmente dado aos frades que seguem Francisco de Assis na sua vida evangélica; “**na terra de António**”, porque o Santo nasceu em Lisboa, viveu em Coimbra, onde se tornou franciscano, e daqui partiu para todo o mundo.

Portugal “deu” António ao mundo e os Frades da Província de Pádua, onde António exerceu o seu ministério nos últimos tempos da sua vida, em sinal de gratidão, quiseram voltar à “terra de Santo António”.

Uma das primeiras atividades que eles desenvolveram foi a publicação da revista “*Mensageiro de Santo António*”, porque intuíram a importância da comunicação. Desde o início, a revista granjeou a simpatia de um público atento e carinhoso.

Em 2018, a revista editou o livro *50 anos de história em Portugal – missão antiga e sempre nova – 1967-2017*. Nesta obra são apresentados os últimos 50 anos da nossa história, onde caminhamos de mãos dadas com o povo e com a Igreja local.

Este tempo foi marcado por uma atividade pastoral rica e variada. O *Mensageiro de Santo António* ajudou a divulgar a figura de Santo António e a vida Franciscana, tendo sido, ao longo dos seus 39 anos, um instrumento para anunciar e aprofundar o Evangelho.

Apesar de várias campanhas, não foi possível aumentar o número de assinantes, pelo que os custos de gestão da revista se tornaram incombíveis, obrigando a Administração a ter de fechar a sua publicação.

Quando esta decisão foi comunicada, os assinantes manifestaram o seu apreço pela revista e a sua mágoa pelo seu encerramento. Os frades agradecem o carinho manifestado, inclusive com generosos donativos para minorar a situação económica.

Mudam os tempos, que obrigaram o fecho da revista, mas continuamos com a mesma vontade de comunicar a vida de António, a espiritualidade

de Franciscana e o Evangelho. Para esse efeito, demos vida a um novo site que, coadjuvado pelas redes sociais, quer continuar esta missão. Este projeto da Delegação Portuguesa dos Franciscanos Conventuais tem na linha da frente deste trabalho três frades (frei José Carlos, frei Marius e frei André) e um bom número de colaboradores: freis, jovens e vários amigos.

Arrancamos nesta nova aventura e contamos com o vosso apoio e carinho para que possamos crescer neste projeto “*Franciscanos na Terra de António*”.

Para o projeto precisamos de recursos financeiros e humanos. Os poucos meios e recursos de que dispomos para o fazer são sustentados pela Providência, através da generosidade e boa vontade de pessoas que nos ajudam.

Caso pretenda fazer um donativo para a gestão do novo site, utilize os seguintes dados:

NIB: 0018 000318082800020 20

IBAN: PT50 0018 000318082800020 20

Beneficiário: Frades Menores Conventuais

Descrição: Oferta Comunicação

(de todas as importâncias recebidas será passado recibo para os devidos efeitos fiscais).

Também pode dar a sua disponibilidade para contribuir como colaborador escrevendo para este endereço de mail:

franciscanosnaterradeantonio@gmail.com.

Às vezes um pequeno ato de generosidade gera vida e renova a esperança!

Também nos encontra aqui:

Instagram, Facebook, YouTube, TikTok:

Franciscanos na Terra de António.

Siga-nos! Obrigado.

800
ANOS

Frei Severino
Centomo

O Natal de Greccio

(1223-2023)

A celebração do Natal deste ano, recorda-nos que, há 800 anos, Francisco de Assis teve a iluminação de representar o primeiro Presépio vivente. Foi em Greccio, pequena localidade montanhosa do vale de Rieti (Itália). Escreve o primeiro biógrafo de S. Francisco, Tomás de Celano: “É meu desejo – diz Frei Francisco ao amigo João – celebrar a memória do Menino que nasceu em Belém, de modo a poder contemplar com os meus próprios olhos o desconforto que então padeceu e o modo como foi reclinado no feno da manjedoura, entre o boi e o jumento”.

“Celebrar como Família Franciscana – afirmam os vários Ministros das Ordens Franciscanas, espalhadas pelo mundo – o oitavo centenário do Natal em Greccio é um convite para parar diante do mistério da encarnação e contemplar a grandeza do amor divino para com a humanidade.

(...) A nossa fé na Encarnação leva-nos a descobrir os *sinais do Verbo* presentes em todas as culturas e na sociedade contemporânea, de forma a fazer florescer as sementes de humanidade que nelas se encontram”.

O Papa Francisco, na Carta Apostólica *Admirabile Signum* (dezembro 2019) afirma:



À esquerda, São Francisco adora o Menino no Presépio; à direita, Nossa Senhora do Leite. Frescos de Giotto, na Gruta Mariana, considerada o local original da celebração do Natal de São Francisco, em Greccio, no ano de 1223.

São Francisco realizou uma grande obra de evangelização. O seu ensinamento penetrou no coração dos cristãos, permanecendo até aos nossos dias como uma forma genuína de propor, com simplicidade, a beleza da nossa fé. (...) De um modo particular, desde a sua origem franciscana, o Presépio é um convite a sentir e a tocar a pobreza que o próprio Filho de Deus escolheu na sua encarnação. Deste modo, o Presépio é um apelo para O seguirmos no caminho da humildade, da pobreza e do despojamento, que vai da manjedoura de Belém até à Cruz. É um apelo para O encontrar e O servir, com misericórdia, nos nossos irmãos mais necessitados. (AS, 3). 

A família franciscana, com todos os que se sentem atraídos pela beleza evangélica do Poverello, celebra os 800 anos de cinco eventos que marcam o carisma franciscano.

- 2023 Regra Franciscana e Natal de Greccio
- 2024 O dom dos estigmas
- 2025 O Cântico das Criaturas
- 2026 A Páscoa de Francisco de Assis

NATAL: MISTÉRIO DE SIMPLICIDADE, POBREZA E ALEGRIA

EXCERTO DE UMA BELA MEDITAÇÃO SOBRE O MISTÉRIO DO NATAL DO CARDEAL CARLO MARIA MARTINI

O presépio é algo de muito simples, que todas as crianças entendem. Formado por muitas figuras, às vezes as mais disparatadas, o essencial é que tudo concorra para o ponto central: a gruta onde Maria e José, com o boi e o burrinho, esperam o nascimento de Jesus e o adoram.

É um mistério de simplicidade, pobreza e alegria. Não é fácil dar uma explicação racional, mas podemos arriscar algumas dicas.

O mistério do Natal é certamente um mistério de pobreza e de empobrecimento: Cristo, que era rico, tornou-se pobre, para se tornar semelhante a nós, por nosso amor e sobretudo por amor aos mais pobres.

Tudo aqui é pobre, simples e humilde, e por isso não é difícil, através do olhar da fé, compreender este mistério: trata-se da fé das crianças, às quais pertence o Reino dos Céus. A simplicidade da fé ilumina toda a vida e faz-nos aceitar com docilidade os grandes feitos do Omnipotente. A fé nasce do amor e concretiza-se num novo olhar, que brota do sentir-se amados por Deus.

A consequência disto tudo, podemos-la encontrar no texto do evangelista S. João, na sua primeira Carta, quando descreve o que foi a experiência de Maria e de José no presépio: “O que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram, relativamente ao Verbo da Vida, porque a Vida manifestou-se: é isso que vos anunciamos! E tudo isto aconteceu para que a nossa alegria seja completa” (1 Jo 1, 1-4). Tudo, portanto, é para a nossa alegria, uma alegria plena.

Esta alegria não era só para os contemporâneos de Jesus, mas também para nós: também hoje, este Verbo da Vida torna-se visível e tangível na nossa vida quotidiana, no próximo que somos chamados a amar, no caminho da Cruz, na oração e na eucaristia, particularmente a do Natal, que nos enche de alegria.

Pobreza, simplicidade e alegria: são três palavras simples, elementares, mas que temos medo, quase vergonha, de pronunciar. Parece-nos que a alegria perfeita nunca se alcança, porque são sempre muitas as coisas que nos preocupam, muitas as situações complicadas, injustas. Como é possível, perante elas, alcançar a alegria plena? Também a simplicidade parece que não bate certo, porque são tantas as coisas para desconfiar, as coisas difíceis de entender, os enigmas da vida: como fruir, perante tudo isso, do dom da simplicidade? E a pobreza: não é porventura uma condição que é preciso combater e erradicar desta terra?

A alegria profunda não significa deixar de partilhar a dor pela injustiça, pela fome no mundo, pelos muitos sofrimentos das pessoas. Mas é preciso confiar no Senhor, reconhecer que Ele conhece tudo isto, cuida de nós e despertará em nós e nos outros aqueles dons que a nossa existência anseia.

É assim que nasce o espírito de pobreza: da confiança total em Deus. Nele podemos gozar uma alegria plena, porque tocamos o Verbo da Vida que sara toda a doença, toda a pobreza, toda a injustiça e vence a morte.

O Tempo Esquecido

ou a arte de olhar à janela

Miguel Panão



Só existe futuro se houver passado. Só existe presente se estivermos atentos à mudança e à narrativa que se desenrola diante dos nossos olhos. Mas existe uma terceira e esquecida percepção do tempo. É uma percepção cíclica e, por isso, eterna, de tal forma que se mede apenas pela profundidade escavada no terreno do sentido e significado da nossa existência.

O passado, o presente e o futuro são o tempo sequencial que gerimos. A oportunidade que, quando surge, é acolhida e gera transformação em nós ou no mundo que nos rodeia é o tempo certo que “geramos”. O horizonte aberto pela visão do todo que não anula as partes, mas dá sentido ao seu entrelaçar é o tempo que foi esquecido pela maior parte das pessoas. O tempo esquecido é o tempo-profundo que não domina, mas inspira; que não vive ao sabor da ocasião, mas encontra o seu lugar na nossa história pessoal. O tempo-profundo poderá ser o culminar de uma percepção global da nossa experiência de tempo. Porém, para compreender este trajecto, vale a pena explorar a raiz das diferentes percepções do tempo na Grécia Antiga com a Irmandade do Tempo.

Chronos, *Kairos* e *Aion* são os três irmãos do tempo.

Chronos é o irmão do tempo sequencial, implacável, que não pára e se não o segues, por ele és levado.

Kairos é o irmão do tempo certo, do tempo oportuno, tempo de estar, reflectir, tempo de fazer uma pausa e deixar-se transformar pelos momentos.

Aion é o irmão do tempo cíclico, eterno, das eras, da força vital que move o grande arco da história universal, de tal forma que a geologia criou o “éon” para subdivisão do tempo geológico. Talvez tenha sido esta redução do *Aion* a mero “éon” que nos tenha levado a esquecer esta percepção do tempo como tempo-profundo e das suas implicações para o desenvolvimento de uma experiência de tempo que nos leve a uma *Liffulness* ou *vida plena*.

O tempo-profundo seria equivalente, numa versão mais actualizada, ao “Tempo 3.0” onde podemos recuperar a percepção experiencial do tempo “aionológico” como aquele que sintetiza o cronológico (Tempo 2.0) e o kairológico (Tempo 1.0), sem perder a sua identidade. Não fosse $1 + 2 = 3$, a única expressão em linguagem matemática do género cuja síntese da sequência de duas realidades anteriores resulta numa realidade nova, diferente e que lhes segue.

A vida que vivemos neste momento da nossa história é muito pautada pelos ritmos ditados no tempo cronológico (Tempo 2.0). A todo o momento fragmentamos a nossa experiência de vida em intervalos de tempo implacáveis que não voltam atrás (senão quando muda a hora no âmbito do Horário de Verão). As oportunidades características da vida no tempo certo, kairológico ou Tempo 1.0, surgem, mas devido ao domínio da cronologia com cronogramas a cumprir, qual o sentido maior e mais profundo de tudo aquilo que vivemos?

O tempo esquecido é o tempo-profundo que não domina, mas inspira; que não vive ao sabor da ocasião, mas encontra o seu lugar na nossa história pessoal.

Os ritmos são importantes porque não vivemos isolados, mas em comunidade. Por isso, estamos sempre a sincronizar os nossos ritmos com os ritmos dos outros para que a vida seja uma melodia e não uma cacofonia. As oportunidades que surgem convidam-nos sempre a desinstalarmo-nos do conforto dos nossos programas e a acolher aquilo que nos pode transformar inesperadamente.

Mas tanto os ritmos, como as oportunidades, enquadram-se num arco maior de um todo que vai para além da soma das partes. Um todo que nos convida à humilde condição do eterno aprendiz, isto é, daquele que não cessa de estar sempre a aprender coisas novas.

Alguém que não vislumbra o fim da sua vida porque a cada momento encontra um fim (finalidade) para a vida que se renova em cada coisa que aprende e o transforma.

No tempo profundo, todas as coisas boas e menos boas começam a fazer sentido. O tempo profundo é aquele que nos *impulsiona a parar*, como num aparente paradoxo resolvido pela compreensão de que o *impulso* se deve a um movimento interior e *parar* será algo que se manifesta exteriormente. Não é imediato como se pode actualizar a versão que vivemos constantemente do Tempo 2.0 para o Tempo 3.0, mas toda a transformação perene começa com pequenos passos.

Pensando naqueles cuja actividade de vida pode ser frenética num extremo ou presos em casa por questões de saúde no outro extremo, um dos pequenos passos para começar este processo de actualização para o Tempo 3.0 poderia ser a prática da *Arte de Olhar à Janela*. No silêncio, procura olhar para coisas novas, contemplando a dinâmica da pintura desenhada na janela.

Numa manhã, ao praticar esta *Arte* reparei em pardais que buscavam nos ramos nascidos no cimo do telhado de uma casa antiga — suponho — novos ramos para os seusinhos. Transformado por esta experiência tão simples, sorri. **M**

Um dos pequenos passos para começar este processo de actualização para o Tempo 3.0 poderia ser a prática da *Arte de Olhar à Janela*.

Relógio Astronómico,
em Praga, República
Checa.
Foto de Jerzy
Strzelecki, 2015,
Commons Wikimedia.



O lugar de ver onde habita a mensagem

Para todos os que são capazes de ultrapassar montanhas e habitar o lugar de encontro
“O lugar de encontro”, parafraseando o escritor José Luís Peixoto

Joana Cavalcanti



Se não formos capazes de encontrar um lugar de encontro para o humano, então seremos o fracasso, um projeto que não deu certo. O fracasso está em perder a luta, em deixar de existir como memória e projeto de futuro.



De onde olho, nem sempre vejo. De onde vejo, sempre olho. Durante seis meses abri a janela para abraçar as montanhas e ver nascer orquídeas, no pequeno jardim à beira da janela.

Percorri paisagens em seus variados matizes. Ora verde, ora selvagem. Ora agreste, ora colorida e perfumada. Serpentei as montanhas de outono e vi, tardiamente, árvores vestidas de amarelo-acastanhado e alguns vermelhos pelo caminho. O outono chegou-nos tarde e, nas primeiras semanas, eram de sol. Depois, veio um frio de inverno antes do seu tempo, trazendo chuvas e tempestades. Ao ver a desfolhagem, carregada pelo vento forte, quando folhas bailarinas rodopiavam o seu destino mundo afora, segui com elas sobre os seus corpos leves, quase etéreos. Segui para sentir o lugar de onde olho e indagar a perplexidade sobre aquilo que vejo no meu cotidiano de orquídeas desnascidas.

Nos seis meses em que escrevi as crônicas sobre os cotidianos de orquídeas, alimentei a minha esperança, ainda que encolhida na tristeza de viver tempos tão complexos. Mas o meu mapa interior foi traçado com cuidado pela geografia do meu avô. Se os momentos difíceis existiam, ele sempre encontrava a poesia, o sorriso largo e a beleza das pequenas coisas. Ele era um homem em paz? Acredito que não, pois era um homem político, reflexivo, apreciador da arte e das grandes questões do mundo. Era inquieto. Mas, por outro lado, era um buscador de beleza e alegria.

A vida respirava em tudo o que fazia e quando estávamos com aquele avô, eramos felizes para sempre, em nossas infâncias. Naquela época nenhuma montanha era intransponível. Nenhum amor era impossível e toda a verdade se estendia naquele sorriso de homem que sonha.

Foi assim que me tornei uma mulher que não chegou a nascer. Que encontra na infância uma memória da eternidade que deveria ser o futuro. Insisto em ir à janela e recolher o mundo, aconchegando-o no meu olhar de infância. Nem tudo que vejo é beleza e poesia, mas não posso deixar de olhar de um lugar, onde posso ver horizontes, desenhando futuros de paz.

Vejo a realidade das redes sociais, exibindo egos narcísicos, famintos de projeção e brilho; destituídos de verdade e amor pelo outro. Mesmo que o outro seja uma quimera sem sentido, o importante é ter o poder para que o outro me siga como se fosse um “canto de sereia” e eu possa dominá-lo ali, onde vive o seu desejo.

A questão é saber o ponto de encontro entre todas as ambiguidades.

Se nós não formos capazes de encontrar um lugar de encontro para o humano, então seremos o fracasso, um projeto que não deu certo. Quer seja um projeto de Deus, quer seja um projeto do acaso que criou o universo, o fracasso está em perder a luta. O deixar de existir como memória e projeto de futuro.

Sigo o caminho e desenho o pensamento como se fizesse curva pelas montanhas. Oiço a “*Cantiga do Pastor*”, na voz cristalina de Teresa Salgueiro, ex-vocalista do grupo Madredeus, divina como a paisagem que me engole monte a monte. A música me acompanha e sinto-me perto do paraíso, como se eu dissesse: “eu só conheço o paraíso”. Mas sei que não é verdade e o paraíso está distante; este está algures e, possivelmente, faz parte do meu sonho e fantasia de querer a vida, como se esta fosse uma menina vestida de branco a brincar entre as flores.

Percorrer os olhos para além da minha janela e pousar no paraíso foi como um amuleto ou pedra de salvação. A palavra que cura. Durante o meu percurso encontrei pessoas inusitadas, personagens que me apresentaram o seu drama existencial. Fui ao café com o meu amigo mendigo e juntos fizemos as leituras de Dostoiévski. Discutimos sobre a miséria humana e enquanto ele sobrevivia, para além das suas dores, nós ficávamos amigos.

Na quinta crónica eu encontrei o sonho e o desejo de ultrapassar uma vida limitada pela guerra e pela angústia. O sonho bateu à porta e a vida se renovou. Viajei por cenários de ilhas e pássaros azuis. Fiz nascer pessoas que estão pelo mundo, materializadas em palavras. Todas elas seguiram o seu destino. Partiram e não voltaram.

Assim é a vida de um autor – de despedidas. As personagens nascem e já têm destino certo, aquele que escolheram. São robustas ou não, complexas ou precárias. Estreitas ou largas. Por vezes, mesquinhas e frágeis. As narcísicas e manipuladoras são horríveis e pobres. Precisam de se alimentar do mais humano dos outros, assim sobrevivem a sua própria miséria afetiva.

Não é fácil ver tais personagens nascerem, ganharem gosto pela própria existência e depois seguirem, sobrevivendo a nós que as fizemos existir. Por outro lado, por mais estranho que pareça, as personagens nos fazem sobreviver à pequenez de apenas olhar os dias. Se as criamos é para nos salvar e curar das dores. Para falarmos pelas suas vozes.

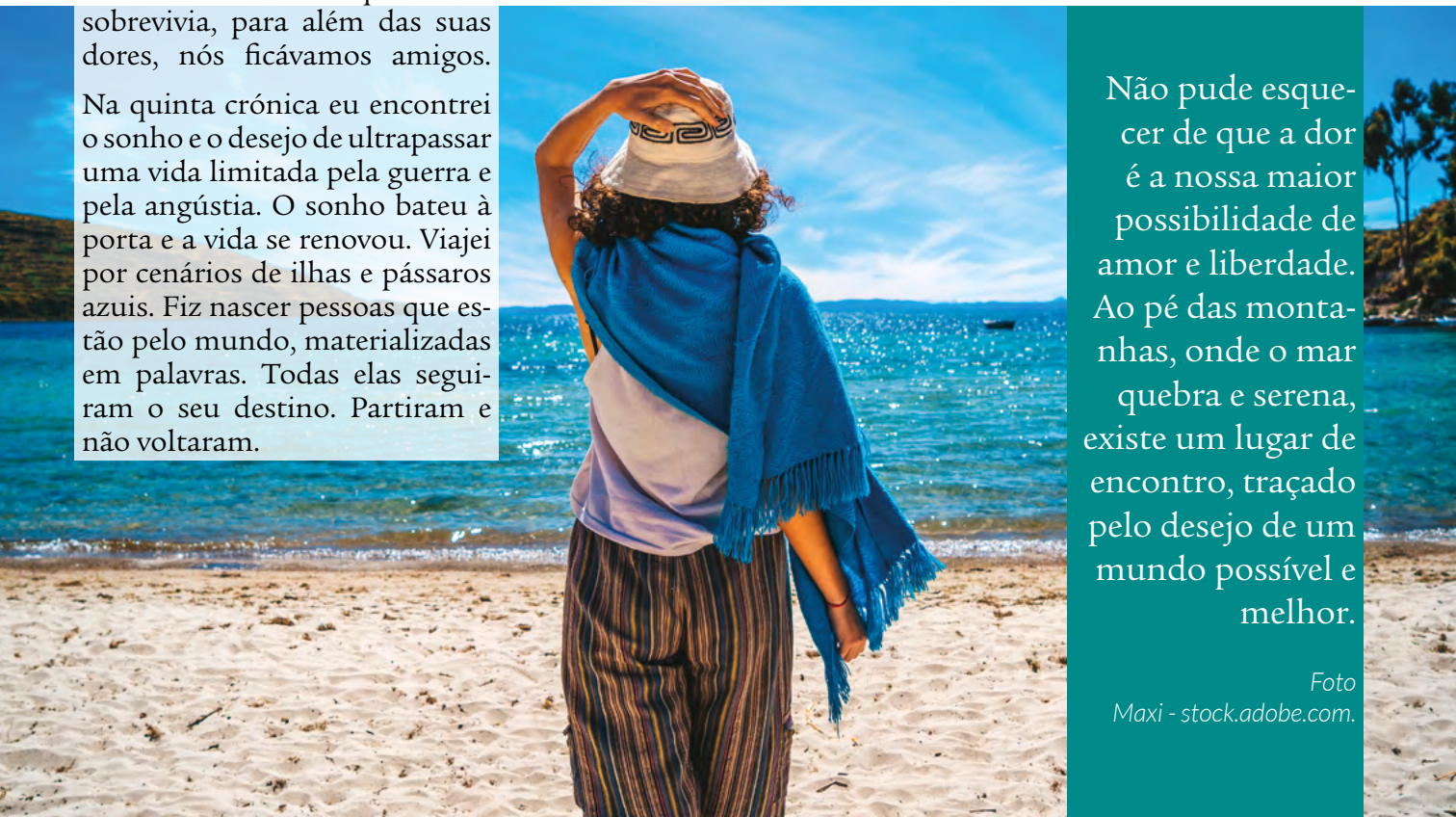
A natureza é complexa em sua exuberância e equilíbrio. A harmonia que me acompanha no traçado das montanhas não se

encontra na natureza do humano – contraditória em tudo. Eis que me deparo com personagens que adentram porta adentro e, como num sopro de vida, sussurram-me para nascer, pedindo-me clemência e boa vontade. A personagem que me sopra aos ouvidos pede para nascer bonita, plena, boa e curada. Mas eu que a escrevo não sei o caminho da perfeição.

Então, ela nasce. Imperfeita e a precisar de retoques. Eu retoco-a e retoco-a. Cubro-a de corido e afeto, mas ela continua precária. Ambígua e perdida. Todas elas, inclusive as boas e sublimes. Mas tem de nascer e nasce, tal como se é. Não há volta. Como autora, o que me importa é que ela nasça e procure a sua redenção. Por isso, olho as orquídeas e busco a delicadeza. Por isso, atravesso mares e mergulho em águas profundas para conhecer os abismos, tendo a possibilidade de subir aos céus, depois de ter passado pelo fogo.

Não pude esquecer de que a dor é a nossa maior possibilidade de amor e liberdade. Ao pé das montanhas, onde o mar quebra e serena, existe um lugar de encontro, traçado pelo desejo de um mundo possível e melhor.

Foto
Maxi - stock.adobe.com.



Mas nada daquilo que olho terá sentido se os meus olhos não estiverem à procura de ver. As viagens pelas montanhas me permitiram muitas vezes questionar o visto. Desejei o novo em todos os nascimentos e transformações. Persegui a ordem e a desordem, determinadas pelos caminhos das montanhas, nunca lineares.

Olho as guerras se instalarem na história e nos comportamentos humanos. Olho o desespero pelo sucesso e pelo poder. Olho a ânsia por uma beleza e poesia qualquer. Olho a banalização da violência e, contraditoriamente, do amor. Olho. O que vejo? Vejo pessoas que não conseguem encontrar o seu lugar de ser. Que não conseguem superar a dor das suas feridas narcísicas. Pessoas que seguem às avessas, sem sonho ou esperança. Sem libido voltada para a criação de uma vida boa e justa para todos. A vida boa está reservada para os egos de ouro que sentem prazer em ser a imagem do mundo. O eu, centro do mundo, que pode manipular e artificializar os afetos. Perdido em si mesmo e de si mesmo segue, destruindo a possibilidade de recuperação e sentido. No mundo das grandes redes de comunicação e inteligência artificial, as montanhas são obstáculo. Perigo. Alerta.

Foi assim que ao caminhar durante meio ano pelas montanhas, diante do sol, no vento e na chuva, eu pude encontrar a minha janela de orquídeas, sempre a desabrocharem como se fossem um abraço para o meu olhar. Este foi se tornando uma espécie de inteligência sensível, quase um contraponto à inteligência artificial.

As montanhas eram. Estavam vivas na minha subjetividade. Falavam mais de mim e da minha memória do que qualquer realidade contemporânea. As montanhas não eram, elas são a verdade do que vejo e como vejo. Elas são a metáfora do meu vínculo com o mundo.

Tudo aquilo que eu vos escrevi em cada crónica faz parte do real. Mantive-me em busca da capacidade de ver, ainda que eu fugisse de expressar a realidade tal como a via. Pude assim, manter o olhar em direção do que poderia ver. De outra forma, o meu desejo veio sempre como imperativo de que o leitor precisava de condimentos, quase feitiços, de beleza e de esperança. Para se inaugurar novos mundos há que existir utopia. Não basta olhar e ver o fracasso. A falta. A miséria. Há de haver outros caminhos para se olhar e ver o real, sem que o desespero ou desânimo nos assole e condicione. Há que haver salvação para a nossa condição histórico-antropológica.

Finalizo o meu percurso como mensageira que faz caminho pelas montanhas, agarrada fielmente à palavra esperança.

A esperança de que o nosso lugar de ver seja o lugar de encontro. Seja de empatia e compromisso com a vida em todas as suas dimensões. Neste momento de despedida da revista *Mensageiro de Santo António*, como autora e como leitora, me preparo para novas viagens, nas quais o passaporte tem carimbo na palavra gratidão, mediada pelo desejo de olhar e ver orquídeas na janela e cotidianos de espera, onde pouse tudo que signifique a vida em nós.

Sendo mensageira só posso dizer que todos os olhares podem ser janelas para se ver mundo. Se conseguirmos ver, então haverá momentos de diálogo e encontro. De permanência e futuro. De montanhas e horizontes, pois “(...) Ao largo ainda arde a barca da fantasia e o meu sonho acaba tarde, acordar é que eu não queria”.

As montanhas do norte de Portugal me ensinaram o ritmo e a pulsação de caminhos que me fizeram ver mais a alma do que a selva. Não pude esquecer de que a dor é a nossa maior possibilidade de amor e liberdade. Foi de lá, entre montanhas e infinito que vos encontrei nos meus cotidianos, constituídos por duras realidades; mas preenchidos pelo sonhar com uma janela de orquídeas ao pé das montanhas, onde o mar quebra e serena. Onde existe um lugar de encontro, traçado pelo desejo de um mundo possível e melhor.

Volto para casa e o meu pequeno Santo António me olha sorrindo.

O lugar de encontro é o da trégua que precisamos fazer para nos olhar e ver. Vendo-nos na recuperação do mundo. Talvez seja possível. **M**





Abbé Pierre: Qual é o meu lugar?

CINEMA

Fui ver o filme um dia depois de ter estado sentado ao lado de um ‘companheiro de Emaús’, numa assembleia que cuidava da fraternidade sacerdotal. Fui ver o filme quatro dias antes de celebração do sétimo *Dia Mundial dos Pobres* ‘inventado’ pelo papa Francisco para que nenhum batizado ‘nunca afaste de algum pobre o seu olhar’. E quando este texto sair, estaremos muito perto de celebrar os 800 anos do Presépio ‘inventado’ por Francisco de Assis para não deixar esquecer o Mistério da Encarnação e a infinita bondade do Deus que assume a fragilidade humana na pobreza mais radical.

No filme, para além de um desenho que remete para o santo de Assis, há um Francisco que é decisivo para a opção daquele que se tornará Abbé Pierre: ‘Porque estás sempre a fugir do mundo?’.

Em *Abbé Pierre, um homem de causas*, estamos diante de uma biografia de um dos fundadores dos *Companheiros de Emaús*, associação fundada, na sequência de um apelo na *Rádio Luxemburgo*, no Inverno de 1954. Nascido Henri Groués, em 1912, no seio de uma família burguesa de Lyon, e falecido em 2007, no fim de uma vida longa, quase toda dedicada aos pobres, sobretudo aos sem-abrigo, em França.

O actor Benjamin Laverne, que faz todo o seu papel no filme, diz que é a história do “homem que encarna a maior aventura solidária do século XX e cuja vida é profundamente romanesca”. E o filme permite-nos ver toda essa força interior e essa determinação contra a miséria, a injustiça, a indiferença. Ele viveu realmente encarnado no seu tempo e foi um homem do seu tempo.

Por isso, o mais ‘terrível’ do filme são as últimas imagens (documentais e actuais) dos sem-abrigo. Apesar do tanto que Abbé Pierre lutou e conseguiu, o mundo quase não mudou, uma vez que temos mais de 4 milhões de pessoas sem habitação ou com habitação deficiente, só em França.

Mas não posso terminar sem uma referência fundamental a uma heroína quase sempre ignorada por ter vivido na sombra: Lucie Coutaz, de quem Abbé Pierre dizia que foi cofundadora dos ‘*Chiffonniers d’Emaús*’, a ‘insurreição da bondade’. Ela foi a luz que ajudou Abbé Pierre a encontrar e reencontrar o caminho, que lhe moderou o seu orgulho e os seus ímpetos, e o trouxe à razão tantas vezes. Sem ela, não teria havido Emaús e Abbé Pierre não teria vivido aquele que foi o seu desígnio.

Não é um filme fácil de ver por quem não traz no coração o fogo do Evangelho (li um artigo que falava mesmo de ‘*charité crétine*’, tão excessiva há-de parecer uma vida como aquela e tão cheia de tantas contradições, claro). Também não sei dizer se é ou não ‘grande cinema’. Mas que não me deixou indiferente, isso não deixou. Como dizia o ‘castor meditativo’, “a fraternidade nunca descansa”. *Fratelli Tutti!* **M**

Manuel Monteiro
Mendes



*Queria que o meu
último texto para
O Mensageiro não
fosse sobre ‘um
filme qualquer’, e
acreditem que não
é. Confesso que,
durante o filme
com alguma água
nos olhos, também
me perguntei ‘qual
é o meu lugar’,
que ‘marca’ ficará
da minha passa-
gem pela Terra,
pela Igreja...*



Rui Pedro
Vasconcelos



É com um Autor insigne que se conclui a secção de Livros do Mensageiro de Santo António. Ao privilégio de fazer parte de um projeto editorial com 39 anos de existência, somou-se o interesse e o carinho que estes Livros, e suas recensões, receberam nestas páginas. Às Leitoras e Leitores, assim como à Redação do MSA, um profundo e grato bem-haja.

Obra **Sermões II: Os Evangelhos**
 Autor *Santo Agostinho*
 Edição *Secretariado Nacional de Liturgia, 2023*
 Páginas *1000*
Tradução de José António Gonçalves, introdução e notas de Isidro Pereira Lamelas



O SNL prossegue a publicação dos *Sermões* de Santo Agostinho, reunindo agora, neste 2º volume, os 128 sermões dedicados aos quatro Evangelhos e ordenados segundo a sequência do texto bíblico. Encontramos aqui, quer breves homilias a comentar algum ponto suscitado pela leitura textual, quer autênticos comentários que, na prática atual, se situam mais próximos da catequese bíblica.

Três são os âmbitos de familiaridade que estão em jogo neste exercício da palavra: a familiaridade com uma língua enquanto jogo e forma de vida, a familiaridade com os textos bíblicos e a familiaridade com a comunidade ouvinte. Se cada uma destas dimensões é, já por si, algo difícil de conquistar, Agostinho alcança a proeza de reunir as três: daí a força significativa do seu discurso. “Se eu me afadigo em explicar-vos o que sinto, ajudai-me não só com a atenção própria de quem escuta, mas também com a sagacidade própria de quem pensa” (p. 807). Encontramos nestas marcas um desejo de comunicação e ensino próprio de quem se deixa fascinar pelo texto bíblico, e não de quem está apenas a pregar em virtude de uma função que lhe é atribuída ou de um papel que lhe é imposto.

São as questões humanas fundamentais que Agostinho trabalha, do seu tempo como de hoje. Por exemplo, a questão da riqueza, da pobreza e da partilha à luz do Evangelho, onde encontramos as sentenças mais incisivas: “Para que tu não julgues que fazes algo

de extraordinário, lá porque repartes o pão com o pobre, quando isto mal atinge a milésima parte das tuas possibilidades” (p. 371). Mas não é a riqueza a fonte do mal, é sim a avareza, mesmo no pobre que ambiciona ser rico ao invés do rico que com os seus bens alimenta a muitos. E não é na origem honesta dos bens que está a segurança: “guardas com ganância o que tens, a bem dizer, com uma boa consciência” (p. 559).

Agostinho trabalha, investe, interroga. Não faz arqueologia do passado – que sentido teria este texto para o seu autor ou comunidade –, mas acolhe o sentido que vem, que gera os crentes para uma vida nova. Não é do passado que estes *Sermões* nos falam, mas do futuro, da arte de projetar os discípulos para o Ressuscitado, Aquele que vem no rosto do Outro. “Não podes curar um doente, mas podes vestir o nu. Faz o que podes. Deus não te exige o que não podes” (p. 730). Uma leitura contínua, vagarosa, destes *Sermões* permitirá mergulhar o leitor numa pedagogia da vida cristã; uma consulta regular, por ocasião de uma homilia ou sermão, permitirá ao orador alimentar-se de um discurso vivo e fecundo. Em ambos os casos, trata-se de um livro a cujo privilégio de o encontrarmos publicado em Portugal deverá corresponder uma atenção agradecida.

“Haverá coisa pior do que os cuidados da vida que não deixam que se alcance a vida? Haverá coisa mais miserável que deixar escapar a vida por preocupar-se com ela? Haverá coisa mais infeliz que cair na morte, por se ter medo dela?” (p. 511). **M**

O que já andámos, o que falta percorrer

Terminada a 1ª Sessão da 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos é tempo de fazermos uma breve paragem para refletir sobre o caminho que nos trouxe até aqui e o que ainda falta percorrer.

Juan Ambrosio (coordenação)





O QUE JÁ ANDAMOS, O QUE FALTA PERCORRER

Não pode deixar de espantar este itinerário, já com mais de dois anos, no qual todos os cristãos foram convidados a assumirem a sua condição batismal e a serem protagonistas de uma reflexão/ação que quer (re) pensar a identidade da Igreja à luz da sua missão e quer revigorar a sua missão à luz da sua identidade.

Comunidades Locais, Dioceses, Países, Continentes, todos tiveram oportunidade de se envolverem e comprometerem neste processo. Em todo o caminho se procurou e promoveu a escuta, de uns, de outros, de todos e, nessa escuta, se procurou, igualmente, escutar a voz do Espírito, que, no momento histórico que estamos a viver, nos interpela a ler os sinais dos tempos. Como ecoam aqui aquelas primeiras palavras da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, mostrando bem como esta dinâmica sinodal pode muito bem ser entendida como processo de recepção do próprio Concílio Vaticano II:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco



Juan Ambrosio

no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história.

Esta experiência da escuta é certamente um dos primeiros e, porque não dizê-lo também, um dos mais importantes frutos desta Assembleia Sinodal. Num mundo tão polarizado, onde frequentemente se destacam as tensões, as divisões e os antagonismos, o testemunho do encontro, do diálogo e da procura em comum dos melhores caminhos para dar resposta aos desafios que todos enfrentamos, pode ser entendido como testemunho profético daquilo que temos de fazer como cristãos: dialogarmos uns com os outros, dialogarmos com todos para podermos ser mais fieis à voz do Espírito que soa na hierarquia da Igreja, na vida dos fieis e no seu *sensus fidei*, na vida concreta da humanidade.

A dinâmica sinodal pode muito bem ser entendida como processo de recepção do próprio Concílio Vaticano II.

XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo, Aula Paulo VI, 4 de outubro de 2023. Foto de Ricardo Perna.



O caminho exige, agora, a ousadia do discernimento e da decisão e por isso é necessário que todos nos preparemos para esses passos que se devem seguir. Não podemos nunca deixar de escutar, fazer isso seria correr o risco de desvirtuar o próprio processo sinodal, mas ficar só pela escuta leva-nos também a correr um risco semelhante. Este é, pois, momento muito importante para consolidar o caminho percorrido e preparar o que se segue.

Na sequência do que temos vindo a fazer ao longo deste processo sinodal, uma vez mais, nas páginas desta nossa revista, queremos dar-vos conta do ponto em que nos encontramos. Nesse sentido, Francisco Vaz partilha uma breve apresentação do *Relatório Síntese* desta primeira sessão, apontando o que se segue e deixando bem claro que todos somos chamados a ser protagonistas.

O caminho percorrido e o que ainda falta percorrer (e este jamais estará concluído e é bom que disso tenhamos consciência) “não é, sem mais [como nos diz Américo Pereira], um encaminhar-se para Deus, como se este fosse prémio pessoal para um bom comportamento, mas, sim, um encaminhar-se para Deus *através do serviço a um bem-comum*.” Por isso a Sinodalidade é também um exercício de humanização e de bondade.

Da próxima etapa já não vos daremos conta nestas páginas. Como os leitores bem sabem este é o último número da revista e, por isso, ousamos partilhar aqui alguma da nossa tristeza pelo fim destas páginas, mas também a nossa alegria e ação de graças por termos podido fazer parte desta comunidade de escrita e leitura que sempre quis, assim o entendemos, ser inspiradora da reflexão e da ação. **M**

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.

Gaudium et Spes, 1



XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo, 11 de outubro de 2023. Foto de Maria Langarica Correa



SÍNODO: TODOS SOMOS PROTAGONISTAS



Francisco Piedade Vaz

Com 43 páginas, o *Relatório Síntese*, fruto do trabalho da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que reuniu em Primeira Sessão, entre 4 e 29 de outubro de 2023, foi publicado, em Roma, no dia 28 do passado mês de outubro. Esta Assembleia ocorreu depois de percorridas as etapas diocesana, nacional e continental.

Embora com ritmo diferente, leigos, consagrados, diáconos e presbíteros, juntamente com os bispos, encontraram-se num processo de escuta que teve como prioridade envolver todo povo de Deus numa consulta para “discernir, na oração e no diálogo, quais os caminhos que o Espírito nos pede que percorramos”. Não sendo um documento final, constitui, contudo, a base para o debate e a reflexão que se realizará em outubro de 2024, na segunda sessão da referida Assembleia Geral.

Parece-me ser importante realçar que todo este caminho está a ser feito à luz dos ensinamentos e das conclusões dos documentos do concílio Vaticano II, podendo ser considerado como um verdadeiro acto de recepção conciliar, que impulsiona e actualiza a sua força de inspiração profética. De facto, a sinodalidade é um conjunto de processos, uma rede de organismos que per-

mitem o intercâmbio entre as Igrejas e o diálogo com o mundo. Nas palavras do papa Francisco, “a sinodalidade exprime a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão”.

O texto está estruturado em três partes. A primeira, “O rosto da Igreja sinodal”, apresenta os princípios teológicos que iluminam e fundamentam a sinodalidade, um modo de agir e de actuar na fé que nasce da contemplação da Trindade e valoriza a unidade e a variedade como riqueza eclesial. A segunda parte, intitulada “Todos discípulos, todos missionários”, aborda a pessoalidade, a missão da Igreja e as suas relações, apresentando a sinodalidade como o caminhar junto do Povo de Deus. A terceira parte que tem como título “Terceiros, construir comunidade”, apresenta a sinodalidade como conjunto de processos e como uma rede de organismos que permitem o intercâmbio entre as Igrejas e o diálogo com o mundo.

Cada uma das partes está dividida em capítulos que por sua vez estão estruturados em três níveis: as convergências; as questões a aprofundar; e as propostas que surgiram do diálogo. As convergências são o mapa que permite caminhar sem perder a orientação. As questões a aprofundar são como cruzamentos onde é preciso parar, reflectir e compreender qual a direção a seguir. As propostas são sugestões e recomendações que necessitam de análise e ponderação para a sua eventual implementação.

O *Relatório Síntese* não sendo um documento final, constitui, contudo, a base para o debate e a reflexão que se realizará em outubro de 2024, na segunda sessão da referida Assembleia Geral.

O método utilizado neste documento é inovador e paradigmático e, quem sabe, poderia ser usado com benefício, por instituições e organizações em outras áreas do conhecimento em particular e da vida em geral, nomeadamente na busca do maior tesouro da humanidade, aparentemente tão difícil de encontrar: a paz. A este propósito, disse Francisco no seu discurso na Assembleia das Nações Unidas em 25 de Setembro de 2020:

O nosso mundo em conflito necessita que a ONU se torne uma oficina de paz cada vez mais eficaz, a qual exige que os membros do Conselho de Segurança, especialmente os permanentes, atuem com maior unidade e determinação.

Nos próximos meses, as Conferências Episcopais e as Estruturas Hierárquicas das Igrejas Católicas Orientais, servindo de elo de ligação entre as Igrejas locais e a Secretaria Geral do Sínodo, desempenharão um papel impor-

tante para o desenvolvimento da reflexão. A partir das convergências alcançadas, são chamadas a concentrar-se nas questões e nas propostas mais relevantes e mais urgentes, favorecendo o seu aprofundamento teológico e pastoral e indicando as implicações no direito canónico.

Como referiu o Papa no seu discurso de 18 de Setembro de 2021, em Roma,

*a palavra sínodo contém tudo o que é útil para compreender: caminhar juntos. O livro dos Atos é a história de um caminho que parte de Jerusalém e, através da Samaria e da Judeia, continua nas regiões da Síria e da Ásia Menor e depois na Grécia e termina em Roma. Este percurso conta a história em que a Palavra de Deus e as pessoas que dirigem a sua atenção e a sua fé para essa Palavra caminham juntas. A Palavra de Deus caminha conosco. Todos são protagonistas, ninguém pode ser considerado um simples figurante. É preciso compreender bem isto: todos são protagonistas. **M***

O texto do *Relatório Síntese* está estruturado em três partes:

“O rosto da Igreja sinodal”, “Todos discípulos, todos missionários” e “Teecer laços, construir comunidade”. Cada uma das partes está dividida em capítulos que por sua vez estão estruturados em três níveis: as convergências; as questões a aprofundar; e as propostas que surgiram do diálogo.

XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo, Aula Paulo VI, 27 de outubro de 2023. Foto de Ricardo Perna.





SINODALIDADE, HUMANIDADE, BONDADE



Américo Pereira

O Sínodo é fundação para outros voos de espírito encarnado que terão de saber ler os sinais dos tempos, como quem intui, com profundidade e com latitude, o que no mundo e do mundo se manifesta, não para se afogar no mundo, mas para amar o mundo, por muito imundo que esteja.

A Igreja, quer como dom de Deus quer como movimento humano sequente a esse dom e a caminho da plenitude junto do Doador, sempre foi, tenha de tal tido inteligência ou não, literal “sínodo”, isto é, “caminho conjunto”, acto de caminhar em conjunto.

A Igreja não é um corpo parado sem forma, assim verdadeiro cadáver segundo o espírito; não é um amontoado impessoal de escravos de algo – muito menos de Deus, que não carece de escravos: mania humana –; não é uma multidão de entes externamente políticos, em paixões esbraseados; não é uma seita ou clube de auto-eleitos como eleitos por Deus, pois Deus não enjeita o que criou, nada; não é um fácil acesso a uma salvação pessoal, que seja feita à custa do bem de outro ou de outros. Não.

A Igreja é o caminho, de pessoas feito, entre o dom caritativo de Deus – sob muitas formas manifestado, mas manifestado em ser, não em vãs palavras –, que criou a humanidade (e a sua circunstância universal), que amou a humanidade ainda ‘antes’ de a criar, que por ela se entregou à experiência da morte e do amor que faz reviver: o gesto fundador, que torna sempre presente o amor de Deus, em carne, junto dos que desejarem e quiserem comer com Ele à mesma mesa, acompanhá-lo

no caminho do Pai, para o Pai, segundo o mapa do Espírito, com o Filho por guia, pastor, amigo. Sinodalidade, encarnada, mediada, sem magia, com trabalho, fidelidade, amor.

Caminhada situada, sempre situada, não no tempo, que lhe não preexiste, mas, precisamente, como criadora de caminhos, como trilhadora de novos caminhos. E, na verdade, a este nível, só há novos caminhos.

Ora, no momento em que a humanidade se encontra, momento que não é ‘de encruzilhada’, mas de muitas encruzilhadas, o Sínodo universal convocado pelo Papa Francisco faz todo o sentido; o sentido que foi possível construir, com trabalho – pois, não há magia –, é fundação para outros voos de espírito encarnado que terão de saber ler os sinais dos tempos, não como quem segue qualquer caminhante, mas como quem intui, com profundidade e com latitude, o que no mundo e do mundo se manifesta, não para se afogar no mundo, mas para amar o mundo, por muito imundo que esteja.

É para e pelo bem possível do mundo que a Igreja faz sentido, não como vão agitador de vapores de incenso, de que Deus não necessita. É pelo serviço ao bem do mundo, no mundo, que a Igreja louva a Deus, que perfuma, com a resposta de amor ao amor de Deus pelo mundo, não Deus, mas o próprio caminho, como se fora Deus a perfumá-lo, pois todo o amor, se amor for, é Deus posto no mundo.

À questão ‘onde está Deus?’, a Igreja responde, sinodalmente, caminhando, ao lado de Cristo, melhor, sendo ‘cristófora’, transportando Cristo, em cada acto de caridade que realiza. É aí que ‘Deus está’, não num sítio, não submetido ao espaço e ao tempo: estes são a nossa oportunidade, o nosso *kairos*, a possibilidade de que cada ser humano, em Igreja, mas não apenas na e para a Igreja como tribo ou como clube, tem de presenciar Deus na forma do bem, do absoluto irredutível, do bem realizado.

Da *primeira sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, não emergiu apenas um *Relatório de Síntese*, que pode não ser mais do que um texto para nada, mas uma reflexão acerca do que é e do que pode ser *Uma Igreja sinodal em missão*.

É a missão que é fulcral, pois, sem tal amarração ontológica ao que é necessário ser feito, nada interessa, nenhum movimento, nenhum caminho faz sentido. Aliás, o sentido do caminho não é, sem mais, um encaminhar-se para Deus, como se este fosse prémio pessoal para um bom comportamento, mas, sim, um encaminhar-se para Deus *através do serviço a um bem-comum*, conseguido caminhando juntos para um mesmo fim, transcendente, mas

que reclama imanente amor das criaturas para com as criaturas, na semelhança do amor com que Deus ama.

E como ama Deus as criaturas? Erguendo-as, em absoluto, do relativo nada delas próprias. É um caminho de paz. Aliás, o único que sabe construir a paz, manter a paz, pois a paz é divino dom de possibilidade, todavia, a realizar por nós.

Será que se entende tal? Talvez já não haja muitas mais oportunidades para entender tal: é que, se Deus é infinitamente paciente e misericordioso, nenhum de nós o é. Se a humanidade não quiser mesmo caminhar em conjunto, poderá caminhar muito mais tempo, em absoluto? Pode haver caminho em caos?

Deus não vai caminhar por nós. Ou nos pomos a caminho acolhendo todos os “Homens de boa-vontade” ou a lógica inexorável do mal destruirá a humanidade. Compete a nós, não a Deus, aceitar a lógica de bem de Deus. Sem ela, sem Ele, nada.

Caminho sinodal com largura universal ou morte do humano. Que se escolhe? 

O mais, tudo o que isto não cumpre, é do maligno. Então, não se pergunte por que razão há guerra, fome de humana etiologia, maldade sob muitas formas. A resposta é exactamente a mesma à questão por que razão há paz, há pão doado, há humana bondade sob muitas formas: sou eu, eu que faço o bem que o mundo e Deus de mim esperam; eu que não faço o bem que o mundo e Deus de mim esperam.



Pedimos desculpa ao autor pelos cortes no texto, devido à falta de espaço. Os leitores poderão encontrar a versão integral na edição online.
A redação

*XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo, 5 de outubro de 2023.
Foto de Maria Langerica Correia*

Idalino Simões



A desordem ética marca o mundo do trabalho: o tratamento desumano, a remuneração não equivalente ao trabalho realizado; o flagelo da precariedade; os acidentes de trabalho porque se privilegia o lucro em vez da segurança.

Nunca afastes de algum pobre o teu olhar (Tb 4,7)

7º Dia Mundial dos Pobres

Há sete anos, o Papa Francisco escolheu o 23º domingo do tempo comum (o domingo antes da festa de Cristo Rei) para celebrar o *Dia Mundial dos Pobres*. Uma decisão que coloca os pobres como referência.

Como dizia o Cardeal Michael Czerny (atual Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral): “Garantir aos pobres um lugar privilegiado entre os membros do povo de Deus (cf. EG187-196) não significa apenas reconhecê-los como destinatários privilegiados da evangelização, mas considerá-los como seus sujeitos, como seus agentes ativos” (cf. Artigo publicado na *Brotéria* em janeiro de 2021).

Vem de longe a preocupação do Papa Francisco pelos pobres. Quando foi eleito Papa no Conclave em 2013, o Cardeal Cláudio Hummes (bispo emérito do Rio de Janeiro) segredou-lhe: “Não te esqueças dos pobres”. Ao longo de todo o seu pontificado, esta presença dos pobres tem sido permanente.

Este ano, a sua mensagem para o *Dia Mundial dos Pobres* é um desafio e um grito no meio dos sistemas de marginalização e de descarte dos mais pobres: “*Nunca afastes do pobre o teu olhar*”.

No final do ano da Misericórdia, em 2017, o Papa Francisco propôs às comunidades cristãs e aos homens de boa vontade a celebração de um *Dia Mundial dos Pobres*. Lutar contra a cultura do descarte e de uma economia que mata era a finalidade desta proposta. Em cada ano o Papa Francisco publica uma mensagem onde aponta caminhos concretos de abertura ao drama da pobreza. Estamos diante do desafio corajoso de conversão da Igreja. Uma igreja serve e pobre que se reconhece solidária com “*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres*” (GS, 1).



A passagem de uma Igreja auto referencial para uma Igreja samaritana, hospital de campanha, em que todos têm espaço, não é tarefa fácil. O *Dia Mundial dos Pobres* desafia a olhar a pessoa real no seu sofrimento e marginalização sem se refugiar nos discursos e nas elaborações teóricas sobre os pobres. Dizia Camus: “*Conheço algo pior que o ódio, é o amor abstrato*”. E o texto para este 7º *Dia Mundial dos Pobres* é concreto e desafiador:

A pobreza permeia as nossas cidades como um rio que engrossa sempre mais até extravasar; e parece submergir-nos, pois o grito dos irmãos e irmãs que pedem ajuda, apoio e solidariedade ergue-se cada vez mais forte. Por isso, no domingo que antecede a festa de Jesus Cristo, Rei do Universo, reunimo-nos ao redor da sua Mesa para voltar a receber d’Ele o dom e o compromisso de viver a pobreza e servir os pobres”.

Recordando o livro de Tobias, o Papa Francisco lembra como Tobite experimentou o cálice amargo da provação e como a partir da sua pobreza e fragilidade pode reconhecer todos os pobres. Como dizia o P. Américo: “Ai dos pobres se não fossem os pobres...”. É nesse sentido que ganha força a expressão de Tobite: “*nunca afastes de ALGUM pobre o teu olhar*”. Por isso tem toda a força a palavra do Papa Francisco:

Se sou pobre posso reconhecer de verdade quem é o irmão que precisa de mim. Somos chamados a ir ao encontro de todo o pobre e de todo o tipo de pobreza, sacudindo de nós mesmos a indiferença e a naturalidade com que defendemos um bem-estar ilusório.

No nosso momento histórico, este olhar todo o pobre torna bem presente a urgência de uma Igreja samaritana. Diz o Papa na sua mensagem: “*delegar nos outros é fácil; oferecer dinheiro para que outros pratiquem a caridade é um ato generoso; envolver-se pessoalmente é a vocação de cada cristão*”. É urgente descer da montada, ajoelhar-se junto das feridas de quem está caído e mostrar que não é um estranho mas um irmão.

A mensagem do papa, a partir duma referência à *Pacem in Terris* (nos 60 anos da sua publicação) desde aos casos concretos:

O ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida, tais como, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária e os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias alheias à sua vontade. (Pacem in Terris 11)

Face às dramáticas situações concretas, sinal da grave doença que atinge o nosso mundo, é urgente passar ao compromisso e à ação:

• **O trabalho e as políticas do trabalho**

É bom recordar “A referência à plataforma lançada pelo primeiro *Encontro Mundial de Movimentos Populares* (EMMP): um “projeto-ponte”, baseado naqueles que Bergoglio definiu como “3 Ts: Terra, Teto, Trabalho”.

• **O cenário das guerras e os que aí vivem**

O Papa é contundente na condenação da expressão diabólica que a guerra encerra. “*Mantenhamos viva toda a tentativa para que a paz se afirme como dom do Senhor ressuscitado e fruto do empenho pela justiça e pelo diálogo*”.

• **A especulação** que leva ao aumento desenfreado dos bens de primeira necessidade e “*deixa muitas famílias numa indigência ainda maior*”.

• **Os salários que se esgotam rapidamente** forçando a privações que atentam contra a dignidade das pessoas.

• **A desordem ética que marca o mundo do trabalho:** o tratamento desumano dado a muitos trabalhadores e trabalhadoras, a remuneração não equivalente ao trabalho realizado; o flagelo da precariedade; as demasiadas vítimas de acidentes de trabalho porque se privilegia o lucro em vez da segurança.

• **Agir com e pelos pobres**

• **“A retórica, quando se fala dos pobres. Tentação insidiosa é também parar nas estatísticas e nos números”.**

• **“Os pobres são pessoas, têm rosto, uma história, coração e alma. São irmãos e irmãs com os seus valores e defeitos, como todos, e é importante estabelecer uma relação pessoal com cada um deles.”**

• **“O Livro de Tobias ensina-nos a ser concretos no nosso agir com e pelos pobres. É uma questão de justiça que nos obriga a todos a procurar-nos e encontrar-nos reciprocamente, favorecendo a harmonia necessária para que uma comunidade se possa identificar como tal. Portanto, interessar-se pelos pobres não se esgota em esmolas apressadas; pede para restabelecer as justas relações interpessoais que foram afetadas pela pobreza. Assim «não afastar o olhar do pobre» leva a obter os benefícios da misericórdia e da caridade que dá sentido e valor a toda a vida cristã”, conclui Francisco.**

Juan Ambrosio



Já agora, nove anos volvidos, revelo-vos a identidade do meu pequeno e querido companheiro de viagem, o meu filho Felipe.

Companheiros de viagem

E escrevo estas linhas com um misto de sensações. Sei que são as últimas deste projeto que, durante muitos e bons anos, se consubstanciou na forma desta revista querida, pensada, escrita e lida em português, por isso um sentimento de tristeza me acompanha neste exercício. Ao longo dos últimos tempos várias vezes foi referida esta possibilidade, chegámos mesmo a ter momentos de diálogo e reflexão sobre o futuro e a viabilidade da revista e, finalmente, aqueles a quem cabia a competência da decisão acabaram por decidir. Tenho a certeza de que não o fizeram de ânimo leve, e que foi uma decisão certamente muito custosa.

Mas simultaneamente, neste momento, sinto-me movido por uma atitude de ação de graças que quero partilhar. Foi muito bom este exercício desenvolvido ao longo de nove anos (confesso que nem tinha bem a noção deste tempo). O convite que me foi dirigido, e que em boa hora aceitei, abriu-me a oportunidade exigente de poder pensar e refletir temáticas que deveria partilhar com outros, não tanto à maneira de quem ensina, mas à maneira de

quem procura, comparte e sabe que caminha em conjunto.

Foi também para mim oportunidade de poder ler tantos textos que me permitiram conhecer outras perspetivas e ângulos de abordagem diferentes dos meus e que me possibilitaram pensar coisas sobre as quais nunca tinha refletido e para as quais não estava assim tão sensibilizado, abrindo-me, assim, a outros horizontes de leitura e de entendimento da realidade. Nisso saí enriquecido. Mas sobretudo, esta experiência deu-me a conhecer novas pessoas, com as quais pude ir desenvolvendo uma relação de amizade que, entretanto, se foi desenvolvendo e consolidando. Por tudo isto, e outras coisas que deixo para o segredo da oração, não posso deixar de publicamente dar graças a Deus.

No primeiro texto que escrevi para esta secção da Revista *Traços de uma Presença* dei-vos conta de um episódio ocorrido comigo. Nele relatava a experiência apaixonante que um pequeno companheiro de viagem fez ao aprender a ler os cartazes publicitários que se encontravam na via, querendo com esse relato partilhar a entusiasmante experiência da leitura e descoberta de uma Presença que habita e sustenta a realidade.

Transcrevo aqui uma parte do que nessas primeiras páginas escrevi em novembro de 2014:



Arpino, Frosinone, Itália. Foto Giovanni Voltan, 2023

Acredito sinceramente que Deus habita o mundo e a história humana, o que acontece é que muitas vezes não sabemos 'ler' essa presença e ela passa-nos totalmente desapercibida. E, atrevo-me ainda a ir mais longe, dizendo que o Deus em quem acreditamos não só habita o mundo e a história, como através deles dialoga connosco, propondo-nos caminhos e desafiando-nos a percorrê-los. Sei que esta afirmação não é isenta de riscos, nem de críticas. Para muitos este caminho corre o perigo de reduzir Deus ao tamanho da nossa experiência. Tenho consciência desses riscos e compreendo as prováveis críticas, mas, ainda assim, prefiro corrê-los na esperança de com este exercício em vez de reduzir Deus ao tamanho da nossa experiência, possamos ampliar a nossa experiência até ao horizonte do próprio Deus.

O que me proponho fazer é, então, rastrear os traços da presença de Deus na realidade concreta do nosso viver. Por isso, entre os vários títulos possíveis para este espaço, acabámos por optar por aquele que encabeça estas linhas.

E digo rastrear os traços, não porque eles sejam poucos ou muito ténues, mas porque o nosso olhar precisa de ser mais 'treinado' nesse sentido. Estou convencido de que, ao descobrirmos essa presença e ajudarmos outros a descobri-la, poderemos partilhar o entusiasmo que daí resulta, tal como o meu querido companheiro de viagens fazia comigo.

Para mim, queridos leitores, este exercício de escrita permitiu-me fundamentar e consolidar esta convicção. Espero sinceramente ter podido ajudar-vos a descobrir com entusiasmo os traços dessa Presença. Obrigado pelas vossas leituras.

Já agora, nove anos volvidos, revelo-vos a identidade do *meu pequeno e querido companheiro de viagem*, é o meu filho Felipe. Com ele, juntamente com os outros companheiros de viagem (familiares e amigos), tem sido possível continuar a aprofundar esta apaixonante experiência de vida. **M**

Traços de uma Presença abriu-me a oportunidade exigente de poder pensar e refletir temáticas que deveria partilhar com outros, não à maneira de quem ensina, mas à maneira de quem procura, compartilhar e sabe que caminha em conjunto.

Inês Santos



Gonçalo Oliveira



Os colaboradores e os responsáveis da revista souberam sintonizar-se num projecto assumido e com visão de futuro, onde se cultivou a amizade e se fez caminho, juntos.

Na foto: Gonçalo, frei Severino, Manuela, Secundino, Inês

Obrigado

Em Dezembro de 2021, o *Mensageiro de Santo António* (doravante MSA) convidou-nos a escrever, mensalmente, uma rubrica para os leitores jovens. Como desafio, procurámos trazer os mais pertinentes assuntos que orbitam a cabeça dos jovens, desenvolvendo um pensamento crítico e activo na edificação da Igreja. O MSA soube ouvir-nos e permitiu-nos falar com liberdade. Assim, na sua última edição, decidimos retribuir o gesto e dar a conhecer os responsáveis por esta revista: Frei Severino, Secundino e Manuela. Leia a entrevista.

P: Na primeira pergunta, pedimos que se apresentassem, falando sobre o seu papel na revista.

R: O Frei Severino foi o primeiro pela sua senioridade. Explicou-nos que a revista não surgiu do nada, pois já antes houve publicações da mesma em Pádua, anteriores ao ano de 1984. Foi, no entanto, com a chegada dos freis a Santo António dos Olivais, lugar onde António se tornou frade, que estes assumiram o “instrumento de comunicação social que é o MSA, com o compromisso de ajudar as pessoas a conhecer melhor este Santo português, que era, fundamentalmente, conhecido pelo seu aspeto popular, milagres, intercessões e devoção”. O Frei Severino assumiu a redacção da revista e foi chefe da mesma, à excepção de um período em que esteve nas mãos do Frei Eliseu, que o Senhor já chamou a si.

O Secundino, mais conhecido por “Dino” e, por vezes, “Frei Secundino”, começou a colaborar com o MSA há muitos anos, escrevendo artigos sobre tecnologia e

educação. Há cerca de 12 anos, assumiu a edição e montagem gráfica da revista, e, mais tarde, o diálogo com os colaboradores, procurando dar unidade e, consequentemente, beleza a cada edição.

A Manuela é o membro mais recente, estando no MSA desde 2018. O seu trabalho é igualmente importante e crucial para a revista. Responsável pelo secretariado, trata da contabilidade e é, simultaneamente, a cara, a voz e os ouvidos do MSA para os assinantes, através das chamadas telefónicas e das “Cartas a Santo António”.

P: O que acham que representa o MSA e por que razão foi criado? De que forma é pessoal para vocês?

R: Para o Secundino, a revista proporcionou-lhe anos fantásticos de crescimento. “Para mim, o *Mensageiro* é um tesouro. É um dos melhores ativos dos frades menores conventuais”. O Secundino fala com convicção e orgulho deste projecto de qualidade em termos de conteúdo e grafismo, como não há muitos no sector da imprensa católica. Destaca, das várias edições, a atualidade e a frontalidade na abordagem dos assuntos, sem tabus, mas com seriedade e fundamento.

O frei Severino enfatiza o contributo do MSA para a Igreja Católica Portuguesa. A revista representou, segundo a sua opinião, um instrumento válido para o crescimento dos cristãos na descoberta da sua fé e da sua missão nos campos social e humano.

A Manuela conta-nos pequenas coisas que os leitores lhe foram dizendo, recordando, em especial, uma senhora que lhe disse o seguinte: “Hoje foi um dia muito feliz para mim, mas também muito triste. Feliz, porque fui à caixa de correio e tinha o *Mensageiro*. Triste, porque já só vou

receber mais um”. Ultimamente e de forma inesperada, os leitores do MSA foram expressando a sua grande satisfação e gratidão para com a revista.

P: Ao longo dos anos, que edições/rúbricas acham que foram especiais e mais marcantes?

R: Para o frei Severino, veio logo à cabeça um especial nos primeiros anos da revista. Chamava-se “Crescer na Fé” e era escrito por Frei Raimundo de Oliveira, um padre dominicano, que procurava dar a conhecer o Concílio Vaticano II, algo muito necessário na altura. Destaca ainda Juan Ambrosio pelo seu ponto de vista teológico e catequético. No âmbito cultural, menciona Nunes Pereira e a sua rubrica “Calhau Rolado” e Arlindo de Magalhães, pela sua grande cultura e conhecimento do Portugal profundo e da cultura popular. Por fim, destaca as rubricas ligadas a Santo António, “António Vivo” e as “Cartas a Santo António”, onde “pulsa a vida das pessoas” e que alguns dizem ser a primeira página que lêem.

O Secundino destaca a edição icónica sobre a JMJ 2023, bem como os números lançados por ocasião do Jubileu dos 800 anos da vocação franciscana de António. Por fim, elogia Joana Cavalcanti que nos tem deliciado com as suas crónicas, quase contos, tecidas com delicadeza e profundidade.

A Manuela sublinha as edições da JMJ e dos “Diálogos com António”, pelo seu envolvimento no projecto.

Todos concordam que a revista teve colaboradores excelentes, sendo impossível nomear todos na possibilidade de ficar alguém para trás. Realçam, por fim, o facto de, apesar da variedade e multiplicidade de colaboradores, se ter conseguido encontrar uma coesão e sentido de grupo, que fez de cada edição uma unidade na diversidade.

P: Qual foi o papel dos colaboradores do MSA? Querem deixar alguma palavra para eles? E para os leitores?

R: Aos colaboradores, o Mensageiro e os frades têm a obrigação de ficar eternamente gratos porque todos participavam de forma profissional, generosa, laboriosa, gratuita e com prazer, sem pedir qualquer retorno pelo seu muito trabalho. É importante, também, deixar a mensagem de como os colaboradores e os responsáveis da revista souberam sintonizar-se num projecto assumido e com visão de futuro, onde se cultivou a amizade e se fez caminho, juntos, como membros do povo de Deus e com os pés na terra. Os colaboradores acabaram por sentir a revista como sua, tanto ou mais que os frades.

Aos assinantes, expressam a enorme gratidão pela simpatia com que sempre acompanharam a revista e pelas generosas ofertas que enviaram ao saber do encerramento da mesma.

P: Que lições tiram destes anos todos de MSA? Fariam alguma coisa de diferente? Deixam algum conselho às gerações mais novas?

R: A imprensa católica está numa encruzilhada: muitas revistas e jornais estão a fechar. Ao contrário do que se poderia pensar, qualquer tipo de aposta na sua revitalização (incluindo a digitalização) implica um grande esforço financeiro, mas sobretudo em recursos humanos qualificados. Devemos, pois, seguir o exemplo de Santo António, que entendeu, depois de um percurso bastante atrapalhado, que a sua missão era a pregação, à qual se dedicou totalmente.

O Frei Severino deixa-nos com uma analogia: “Se eu sei preparar um bom prato de massa, tenho todo o gosto de vos fazer saboreá-lo. Não tenho que saber preparar todos os pratos, mas um bom prato”. Conservemos, portanto, o zelo pela missão, cientes de que “sem sonho, não há futuro”. 



Cartas e orações

a Santo António

e alguns recados aos seus irmãos



Publicamos algumas das últimas cartas recebidas. Pedimos desculpa, mas são tantas que não cabem todas. O nosso bem haja pelas vossas palavras. Que Santo António vos acompanhe sempre. Rezamos por todos. Rezem por nós.

Ó valha-me Deus, então a revista vai acabar! Eu moro numa aldeia e não tenho nada aqui perto, é o Mensageiro que me faz companhia.

Maria Manuela

Bem hajam! Caros «Freis», é com muita pena que vejo aproximar-se a última leitura do “Mensageiro”. Desde o número zero, eu acompanho, mês após mês, este projeto sublime. Na altura, jovem e ainda com o cabelo todo preto, acolhi prontamente o conselho do Pe. Pelino para assinar a revista “porque valia a pena”. Hoje, ainda “jovem”, mas já com muitos cabelos brancos, olho para trás e vejo quanto a revista me ajudou a crescer na fé, no entendimento com Deus, com os outros, com a sociedade, com a nossa Casa-comum. Restam-me as 400 e tal revistas que guardo como um “património sacramental”. Ou não tivesse eu Francisco e António como os meus santos prediletos! Bem-hajam por tudo quanto deram (e dão)! *Jorge Cotovio*

Meus bons Amigos, pesaroso por ver partir o nosso Mensageiro, o que muito lamentamos, resta-nos a esperança do seu regresso um dia mais tarde, possibilidade que pomos à consideração do nosso Bom Santo. Hoje mesmo, procedi à transferência por multibanco de um pequeno contributo para a resolução financeira da situação existente. *António*

Quero manifestar a minha tristeza pelo fim da vossa publicação, com colaboradores de grande craveira intelectual, humana e cristã. Tenho muito apreço pela vossa causa. Envio-vos esta oferta para vos ajudar nas despesas nestes tempos difíceis.

Orlando

É com grande tristeza que recebi a notícia que o MSA ia terminar a publicação. Sou assinante há alguns anos e era com grande satisfação que o recebia todos os meses. Não quero reembolso nenhum. Só espero que tudo vos corra bem. Com os meus cumprimentos. *Preciosa*

Venho por este meio dar-vos os parabéns pelo vosso trabalho persistente. Envio este donativo para ajudar a saldar as

dívidas acumuladas. Com estima e amizade, votos de paz e alegria. *Lucília*

Há muitos anos que assino o Mensageiro. Uma revista que sem dúvida marcou muita gente pelo testemunho de fé, de reflexão, de opinião – franciscana e católica. Durante vários anos fui colaborador, com grande gosto, empenho e entusiasmo. Sinto-me feliz por essa colaboração e por ter contribuído para a revista. É certo que as dificuldades económicas não permitem o seu prosseguimento e, apesar das várias campanhas realizadas, o número de leitores não aumentou significativamente. Com certeza foi já rezado por vós, mas faço votos que o Mensageiro digital, como arquivo da revista, se mantenha ativo. Conservo todos os números em papel que me chegaram às mãos. Outros caminhos se hão de abrir. *António Bracons*

É com imensa tristeza que me despeço da Revista Mensageiro de Santo António, que foi minha companhia durante muitos anos. E pensar que recebi o último calendário que será para 2024! Mas na vida tudo tem um fim... A boa notícia é que o nosso querido Santo António continuará a espalhar as suas bênçãos por todos os seus devotos e a dar-nos força durante a nossa caminhada terrena. A minha assinatura paga até agosto de 2025, será oferta para a Revista. *Maria do Carmo*

Foi com bastante desgosto que soube, que por motivos económicos e outros, ia acabar a publicação. Foi como se tivesse recebido a notícia do falecimento de um grande amigo, que me fazia companhia todos os meses com ansiedade. Motivo triste, que me abateu um pouco. Sou leitor atento e afetuoso de há muitos anos. Resta-me agora, voltar a reler continuamente os seus tão prestimosos textos e doutrinas. Guardo estas revistas religiosamente. Sou viúvo e vivo sozinho. Muito obrigado! *Adelino*

Recebi v/ carta com a confirmação da triste notícia do fim da revista *Mensagem*. É mesmo dolorosa a notícia tanto mais que era a única que é o espelho cristão do séc XXI. A minha assinatura está paga até ao final do ano, mas como dizem que há dívidas, envio uma oferta para ajudar. Se Sto António, entretanto, os iluminar para novos caminhos, agradeço que me comuniquem porque, se puder “estarei pronta” a ajudar e a receber ajuda como o *Mensagem* o fez. *Maria Flora*

Foi com imensa tristeza, estupefação e incredulidade que recebi a informação de que iriam deixar de publicar a revista. A vossa revista é talvez a mais completa em termos de igreja que é publicada em Portugal. Pedia-lhes que refletissem e que encontrassem uma forma de continuar a ser publicada. *Jair*

Então o “Mensagem” vai mesmo acabar em Dezembro? Além de gostar muito de o ler tinha um gosto muito particular pelo seu calendário... É pena. Saúde, paz e bem para toda a sua equipa. *José Acácio*

É com tristeza que vejo desaparecer a vossa revista. Foram muitos anos de leitura, que fazia com muito gosto. Artigos bons, excelente apresentação. Envio uma pequena quantia para ajudar. Ao Frei Severino, desejo muita saúde, teremos muito gosto se nos visitar, em nome da Conferência Vicentina. Foram muitos anos! Com muita estima. *Sara*

Lamentamos profundamente... Se fosse possível manter o calendário com uma súmula de contributos pastorais uma vez por ano e em formato apenas digital ficava muito agradecido. Fica para sempre a nossa gratidão ao *Mensagem* e seus colaboradores. *Lourenço, Ana e filhos* **M**

Despedir-me da Revista vai ser difícil e sei que durante largos meses, irei à caixa CTT procurá-la, pois vou sentir a falta de tantos e tão variados artigos, que lia sofregamente. Acredito que Sto António está vigilante e vai encontrar um jeito de nos manter em sintonia. *Zélia*

50 anos de esperança e missão

O Frei Severino, responsável pela redação do *Mensagem*, celebra este ano as suas bodas de ouro sacerdotais. Tendo feito a profissão perpétua nos Frades Menores Conventuais, a 24 de setembro de 1970, foi ordenado presbítero, a 22 de dezembro de 1973, em Roma, na Igreja de San Giovanni e Paolo Al Celio.

A 21 de maio deste ano, festejou com os seus conterrâneos, em Sabaudia, Itália e, a 15 de junho, na festa da comunidade em Santo António dos Olivais. Aqui chegou, em 1976, e aqui começou a realizar o “sonho” de uma comunidade cristã “vivendo em união fraterna, tendo tudo em comum e partilhando a vida com a vida das pessoas, sobretudo os mais pobres e humildes”. De tal modo ama e conhece esta terra e as suas gentes que adquiriu a nacionalidade portuguesa, em 2022.

Assumiu a responsabilidade da redação do *Mensagem*, desde 1984 até hoje, excepto no período de 1991 a 2009, em que o Frei Eliseu cuidou dessa missão.

O Senhor na sua bondade e misericórdia deu-nos muito mais que um amigo, deu-nos um irmão com quem podemos partilhar as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias”. Sonhámos e contruímos algo de belo em conjunto, tantas vezes agradecido e celebrado à volta da mesa, ouvindo o chilrear dos pássaros, cuidando com carinho da velha romãzeira, que tantas vezes nos protegeu com a sua sombra e que silenciosamente é para nós uma lição de resiliência e fecundidade. Como nós, quantas famílias receberam o bálsamo da sua presença e da sua amizade.

Bem hajas, frei Severino, que o Senhor te abençoe, te proteja e te guarde inabandável na esperança e alegre na fraternidade.

Dino & Nela



CORAGEM,
LEVANTA-TE!
VENCE
O MEDO

Simone Olianti

*Ilustração:
Elisabetta Benfatto*

Messaggero
di sant'Antonio

Tenho medo de não deixar rasto



Que rasto deixarei da minha passagem pela Terra?

Pergunto-me cada vez mais, agora que a idade está a avançar e não me resta já muito tempo. Terei sido fecundo? Terei enxugado algumas lágrimas? Terei dado alegria a alguém? O que ficará de mim após a morte? Como serei lembrado ou esquecido?

Ser fecundo não é apenas gerar vida biológica,
mas cultivar a vida, guardá-la-la e protegê-la.
Só quando a nossa vida gera vida e beleza
ao nosso redor e é fonte de fecundidade para os outros,
é que somos verdadeiramente felizes.

Quero partilhar com os leitores algumas sugestões de um filósofo americano que muito aprecio:

*Deixar o mundo um pouco melhor,
Quer seja uma criança saudável,
Um jardim florido,
Ou uma situação de degradação resgatada.
Saber que pelo menos uma vida
Pode respirar aliviada
Graças a ti.
Ter sucesso é isto.*

Ralph Waldo Emerson

Nunca procurei o sucesso para alcançar honras ou dinheiro. Talvez eu tivesse uma presunção maior: que pelo menos uma vez na vida experimentasse uma sensação de serenidade, porque eu estava lá. Consegui? Tive sucesso? Para mim, *sucesso* é apenas o particípio passado do verbo “suceder”. Todas as vezes que fizeres acontecer algo de bonito ou ajudares a florescer um jardim na vida de outro ser humano, então terás sucesso.

Em cada homem, mesmo no mais desgraçado e triste, há um fragmento de Deus; em cada vida, ainda que desfigurada pelo pecado ou pela dor, há luz e beleza. Somos chamados a ser fecundos, a dar flores e frutos: só assim a vida resplandece, só assim ela ressurge das cinzas da insignificância. Foi o caminho místico que gerou esta gradual e impressionante consciência na breve e intensa experiência de Etty Hillesum:

Dar flores e frutos em cada terreno em que se é plantado, não pode ser esta, a intenção? E não deveríamos colaborar para tornar essa intenção realidade?

Mas para florescer e dar frutos é necessário sair da prisão do nosso ego, sair da escravidão de si mesmo e acolher, com alegre admiração, o dom da vida:

O ponto de chegada de tudo é a fecundidade, isto é, a vida dos outros: existe alguém por tua causa, alguém cresce por tua causa, alguém é feliz por tua causa. Isto é fecundidade. Esta é a pergunta final, aquela que farei a mim mesmo antes de morrer: dei a minha vida por alguém? Tornei feliz alguém? Esta pergunta irá encostar-me à parede e ditará a verdade da minha existência.

(F. Rosini)

Ser fecundo não é apenas gerar vida biológica, mas cultivar a vida, guardá-la e protegê-la.

Um belíssimo salmo diz: “Até na velhice continuarão a dar frutos e hão de manter sempre a seiva e a frescura” (Sl 91,15).

Já passei dos 50; sabeis o que mais me assusta na vida? Mais ainda do que a doença ou a morte? É a infecundidade, isto é, que a minha vida não deixe rasto da minha passagem por este planeta maravilhoso, que não tenha servido a ninguém, que não tenha trazido um pouco de alegria, beleza, amor a alguém.

À medida que envelhecemos, começamos a questionar-nos sobre o que fizemos ou deixamos de fazer e percebemos que temos de lidar com o remorso e, acima de tudo, com o pesar. Não há nada mais triste e deprimente do que chegar ao fim da vida e perceber que não vivemos, não fomos realmente o que deveríamos ter sido, ficamos prisioneiros do sonho de outra pessoa.

Um velho professor meu, que me introduziu no gosto pelos clássicos e pela filosofia grega, agora já avançado em idade, dirigindo-se àquele adolescente sonhador e incoerente que eu era, admoestava-me: “Vive a vida com intensidade, não deixes que a tua vida dependa do julgamento dos outros; tenta realizar os teus sonhos e, acima de tudo, lembra-te de que é melhor envelhecer com algumas cicatrizes do que com muitos arrependimentos”.

Um ensinamento que, no limiar da velhice ainda carrego comigo como um dom precioso. Não há nada pior do que enterrar o talento que recebemos, por medo; desistir dos sonhos por conveniência ou por preguiça, desarmar o coração por medo de amar. As lamentações, afinal, devem-se ao facto de não ter carregado as feridas das batalhas, porque as evitámos.

O meu velho professor tinha razão: é melhor ter algumas cicatrizes; podem ficar mal na fotografia, mas não são tão devastadoras como uma vida mesquinha, vil e deslavada.

Cada um de nós é único e irrepetível: nunca mais haverá outro ser humano como eu, como tu. Somos chamados, como dizia o antigo poeta Píndaro, a tornarmo-nos cada vez mais nós mesmos, para realizarmos a nossa humanidade, para deixarmos vestígios conformes ao que está inscrito na nossa natureza, com criatividade e amor pela vida.

Num belo apólogo hassídico, diz-se que o rabino Sussja, no seu leito de morte, terá dito: “No mundo futuro não me perguntarão: ‘Por que não foste Moisés?’; em vez disso, perguntar-me-ão: ‘Por que não foste Sussja?’”. Parir-se a si próprio requer esforço para nascer para a luz, saindo do crepúsculo da mediocridade. É preciso disciplina e treino para nos tornarmos homens e mulheres melhores: a disciplina de remover o que é feio e podar o que é supérfluo. Este caminho requer cuidado com os nossos pensamentos, para eles não poluírem as emoções e o desejo. O desejo mortificado aniquila a vida e bloqueia-a. Cultivar o desejo, que torna pujante a vida, é habitar as perguntas que ajudam o desejo a ir mais além.

Creio que chegámos a uma encruzilhada da história que nos obriga a escolher de que lado estamos: do lado dos que escolhem o sem sentido ou do lado dos que escolhem o sentido de tudo; do lado dos que acreditam que nada tem sentido ou do lado dos que entreveem o sentido em cada palavra, em

cada gesto, em cada acontecimento quotidiano. Os seguidores do nada parecem mais numerosos; na verdade, somos esmagados por formas de niilismo prático e preguiçoso que espalha um veneno muito contagioso: o veneno da insensatez, da impotência e do cinismo. Todos os dias nos administram gotas de niilismo com estes venenos mortais.

Se não quisermos que estes venenos tornem as nossas vidas estéreis, devemos necessariamente aprender a fazer-nos perguntas incisivas, isto é, capazes de desencadear uma mudança verdadeira e frutífera.

Para quem vivemos? O que é que realmente conta? O que é que ocupa o nosso coração? Um grande educador da minha terra, Pe. Lorenzo Milani, tinha mandado afixar na parede da escola de Barbiana um cartaz com a escrita “I care”: importa-me, preocupa-me, interessa-me. É exatamente o oposto do lema fascista “quero lá saber”. Se o que acontece à minha volta não me importa, se a indiferença e o cinismo prevalecem sobre o interesse e o cuidado, então, a estagnação prevalecerá sobre a fecundidade. Como nos lembra o grande psicólogo do desenvolvimento Erik Erickson: se não formos fecundos, iremos estagnar e a vida ficará deprimida e sem sabor.

Fecundos, isto é, felizes!

Talvez nem todos saibam que o adjetivo latino “felix”, isto é, feliz, contente, tem a mesma raiz de “fecundus”, fértil, rico em colheitas e frutos. Que é o mesmo que dizer: só quando a nossa vida gera vida e beleza ao nosso redor e é fonte de fecundidade para os outros, é que somos verdadeiramente felizes. 



Para quem vivemos? O que é que realmente conta?

O que é que ocupa o nosso coração? Importa-me, preocupa-me, interessa-me?

Os caminhos de Santo António

São poucas as referências à vida de Santo António em Portugal. Normalmente resumem-se a um pequeno capítulo inicial nas biografias, onde se faz alusão aos primeiros anos que viveu em Lisboa e depois em Coimbra.

É por isso sempre interessante conhecer as pequenas histórias deste frade em Portugal, como a que fomos encontrar na primeira parte da *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal* (Lisboa, 1656), de Frei Manoel da Esperança. No capítulo XXII, resume o seu ingresso na ordem dos frades menores e oferece-nos pistas dos últimos passos que deu em Portugal.

Fez este notável trânsito o padre Santo António da casa de Santa Cruz para a nossa de Santo Antão dos Olivais na qual então assistimos em novembro do ano 1220, tendo ele 25 e 3 meses de idade. E transformado noutro homem, vestido no nosso hábito humilde e penitente à imitação de Cristo, até o nome trocou, deixando o de Fernando e chamando-se António, por razão do dito Santo abade, titular da mesma casa. Aqui começou a ser noviço, não somente no estado de frade de São Francisco, mas também nos exercícios santos que pede a nossa regra. Acrescentou penitências, multiplicou humilidades, amontoou devoções; e quanto mais alongado se viu das coisas do mundo pela parte da pobreza estreitíssima que entre nós se professa. Descobrimos desta alta iminência mais claramente o céu, gastava o tempo na sua contemplação. Estas eram as suas grandes delícias: Seguir pobre a Cristo pobre,



pelo caminho da Cruz. Apertava-o porém, aquele forte desejo de padecer por seu amor em Marrocos, procurando para isto a licença com tanto fervor e ânsias que brevemente lhe fizeram profissão.

(...)

No padre Santo António tinha isto mais lugar, porque nossas asperezas diziam com seu espírito, e a sua santidade era sabida dos frades; e por isso, no princípio do ano seguinte de 1221 lhe demos a profissão. Teve logo a licença para ir pregar em África com a qual se despediu de Coimbra levando por companheiro o santo frei Filipe.

Tomaram ambos o caminho de Lisboa pela parte de Leiria onde há fama constante que na paragem junto da sua estrada, em que agora se vê uma ermida do mesmo Santo António, estiveram descansando. Daqui cortaram pela vila de Alpedriz, a qual em outra ermida conserva esta memória, como também dentro dela a conservava no tronco de um Pinheiro, a cujo pé se sentaram. E depois de visitarem a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Nazaré, por causa da qual fizeram esta digressão devota, no Convento de São Francisco de Lisboa esperaram alguns dias navio que os levasse a África. Vinha Santo António tão estranho no seu nome, tão disfarçado no seu hábito, tão penitente no rosto, que apenas o conheciam os parentes, e amigos que dantes o conversavam. E venerando-o todos por isto mesmo, que viam o intento de ir pregar aos Mouros e morrer em suas mãos, convertia o respeito em grande admiração. (pp. 332 a 334)

Por seu lado, Jorge Cardoso, no *Agiologio Lusitano* (Tomo III, 1666, p. 660) deixa-nos palavras premonitórias do momento em que António se despede do Convento de Santa Cruz:

É certo que despedindo-se dos Cónegos de S. Cruz, lhe disse um deles: “Vai-te que porventura serás Santo”. Palavras enfáticas, e indutivas do desabrimento, com que magoado as pronunciava. Mas elas tiveram do celestial varão por resposta: “Se assim o ouvires, peço-te que louves, e engrandeças as maravilhas do Senhor”. M

MEMÓRIA
E
TRADIÇÃO

Pedro Teotónio
Pereira



Painel de Azulejos
com o milagre de
Santo António (?)
sob um pinheiro.

Coro da Igreja de
Nossa Senhora da
Conceição, Peniche.
Museu de Lisboa
/ Pedro Teotónio
Pereira.

Sorrir ao amor autêntico

O Natal não é romântico. Santo António dá voz à sua clara e vibrante imaginação, para chamar a nossa atenção para o nascimento de Jesus, comparando-o simbolicamente a um resgate realizado *in extremis*, no último momento, quando parecia que já não havia mais nada a fazer.



Se alguém estivesse à beira da morte ou fosse condenado a prisão perpétua e lhe fosse anunciado: “Eis que acaba de chegar alguém que irá salvar-te!”.

Porventura, não irias exultar de alegria?

Não darias pulos de contentamento? Claro que sim!

Por isso, regozijemo-nos, nós também, no íntimo da consciência e no amor autêntico, porque hoje nasceu para nós o Salvador, aquele que nos libertará da escravidão!

Sermões, de Santo António, Sermão na Natividade do Senhor, 9

A tua vida está prestes a perder-se e alguém aparece e arrebatá-te do abismo mortal. E isso coloca-te novamente de pé. Estás prestes a ser condenado a uma sentença pesada e eis que alguém chega e te liberta do cativeiro. E devolve-te ao voo airoso da liberdade.

Talvez não apreciemos esta forma de falar sobre o Natal, pouco poética.

Não há anjos a voar, nem luzes a brilhar, nem melodias em movimento ou estrelas cintilantes. Nenhum romantismo vago e sentimental. Santo António não aprecia muito as efusões emocionais; vai direto ao assunto.

Em primeiro lugar, lembra-nos que estávamos em perigo, em grande perigo! Depois chega alguém que, por sua própria iniciativa, nos segura e nos salva.

Este é o Natal: a corrida que Deus quis fazer, para vir ao nosso encontro para nos resgatar.

Qual era o perigo do qual fomos resgatados?

Um desejo insano, uma ganância pertinaz e teimosa: procurar a salvação sozinhos, sem qualquer hipótese de a conseguir.

É a tentativa de nos agarrarmos àquilo que é cativante e chamativo, pensando que também nós poderemos ser grandes e brilhantes.

Mas, na verdade, continuamos sempre insatisfeitos. Queremos sempre mais. E assim, ficamos sufocados, sem ar, completamente tontos.

Diante de tanto vazio, uma doce melodia natalícia, que acaricia os sentidos, poderia aliviar o gelo do coração. Talvez, pelo menos temporariamente.

Mas assim que a doçura se desvanece voltamos à corrida mortífera para ter mais, dominar mais, valer mais.

Como alcançar, então, a paz do coração nessa corrida louca?

Precisamos mesmo de um Deus que, ao tornar-se pequeno, ao descer para um pequeno berço, nos desperte do deslumbramento da salvação que procuramos e nos direcione para o único lugar de salvação: a pequenez da vida comum, feita de relações que sabem recomeçar, feita da superação da vingança, da aceitação mútua, quantas vezes dura e cansativa.

É verdade: estas coisas não despertam comoção, mas podem abrir-nos ao sorriso, ao sorriso do “amor autêntico”, diz Santo António. Vejamos bem: “autêntico”, não romântico. Há uma grande diferença entre um e outro! 

Talvez não apreciemos esta forma de falar sobre o Natal, pouco poética.

Santo António lembra-nos que estávamos em grande perigo e o próprio Deus quis vir ao nosso encontro para nos resgatar.

A Natividade de Jesus como parte da Santíssima Trindade com São Francisco e Santo António, de Giovanni della Robbia (1469-1529), Capela de Santa Maria dos Anjos, La Verna, Foto de Gunnar Bach Pedersen, 2007, Commons Wikimedia.



No terceiro dia da cúpula dos chefes de Estado sobre mudanças climáticas, o cardeal secretário de Estado Pietro Parolin subiu à tribuna da COP28 para transmitir a mensagem do Santo Padre.

“Estamos a trabalhar para uma cultura da vida ou da morte? Com veemência, vos peço: escolhamos a vida, escolhamos o futuro! Escutemos os gemidos da terra, demos ouvidos ao grito dos pobres, prestemos atenção às esperanças dos jovens e aos sonhos das crianças! Temos uma grande responsabilidade: garantir que não lhes seja negado o próprio futuro”. (...)

“É essencial reconstruir a confiança, fundamento do multilateralismo. Isto vale tanto para o cuidado da criação como para a paz: são as questões mais urgentes e estão interligadas. (...) Relanço uma proposta: «Com o dinheiro usado em armas e noutras despesas militares, constituamos um Fundo Mundial, para acabar de vez com a fome» (*Fratelli tutti*, 262; *Populorum progressio*, 51) e realizar atividades que promovam o desenvolvimento sustentável dos países mais pobres, combatendo as mudanças climáticas”. (...)

“Que sejais os artífices duma política que dê respostas concretas e coesas (...). Porque o poder serve para isto: para servir. E não adianta conservar hoje uma autoridade que amanhã será recordada pela sua incapacidade de intervir quando era urgente e necessário (*Laudato Si'*, 57)”. (...)

“Também eu, que trago o nome de Francisco, gostaria de vos dizer com o tom veemente duma oração: deixemos para trás as divisões e unamos forças! E, com a ajuda de Deus, saiamos da noite das guerras e das devastações ambientais para transformar o futuro comum numa alvorada de luz. Obrigado”.

Excertos do Discurso do Papa Francisco aos participantes na Conferência dos Estados-Parte na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as alterações climáticas (COP 28), Expo City (Dubai), 2 de dezembro de 2023

